

O EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL E A GERAÇÃO DE VALOR NO REUSO DE TECIDOS DO SETOR TÊXTIL. ESTUDO DE CASO DO BANCO DE TECIDO DE REUSO DE SÃO PAULO

Sustainable entrepreneurship and the creation of value in reuse of textiles fabrics. Case Study Fabrics Reuse Bank of São Paulo.

Jordão, Carina; MSc; Universidade do Minho, carijordao@hotmail.com
Broega, Ana Cristina; PhD, Universidade do Minho, cbroega@det.uminho.pt
Martins, Suzana Barreto; PhD; Universidade Estadual de Londrina, suzanabarreto@onda.com.br

Resumo

O presente artigo propõe-se analisar soluções criativas que estão sendo propostas pelos negócios sustentáveis no âmbito do reuso de tecidos descartados pela indústria têxtil no Brasil. Busca ainda por meio de uma pesquisa qualitativa do Banco de Tecido de Reuso, compreender os benefícios gerados com a reutilização nos aspectos ambientais, sociais econômicos e formas de agregação de valor.

Palavras-Chave: Sustentabilidade, Moda Sustentável, Empreendedorismo Sustentável, Reuso de Tecidos.

Abstract

The present article aims to analyse creative solutions that are being proposed by sustainable business in the fabrics reuse discarded by the textile industry in Brazil. Search also through a qualitative research Fabrics Reuse Bank understand the benefits generated by the re-use in environmental, economic, social and ways to add value.

Keywords: Sustainability, Sustainable Fashion, Sustainable Entrepreneurship, Reuse fabrics.

Introdução

Observa-se uma preocupação mundial crescente com relação aos impactos da globalização sobre os sistemas locais, sociais e ambientais, principalmente diante de uma série de acontecimentos históricos que causaram violentos processos de degradação humana e impactos ambientais. Todos esses fatos, nos levam a uma reflexão acerca dos danos causados pela sociedade de risco, expressão utilizada por Beck (2011), para definir os impactos exponenciais da sociedade moderna.

O conceito de sustentabilidade surge assim, como uma tentativa para enfrentar essas crises sociais e ecológicas e foi alimentado por duas correntes

de pensamento. A primeira corrente, está relacionada com as mudanças na postura do desenvolvimento econômico, que ganha notoriedade a partir dos anos 70 com o trabalho realizado pelo “Clube de Roma”, publicado com o título de *Limites do Crescimento*, e que apelava de forma alarmante, que para se alcançar a estabilidade econômica e ecológica, era necessário o congelamento do crescimento da população e do capital industrial. (JACOBI, 2003, p.193)

A outra corrente de pensamento, refere-se à crítica ao aspecto ambientalista do modo de vida das sociedades atuais. Esse pensamento foi difundido em 1972, a partir da *Conferência de Estocolmo*, na Suécia e segundo Da Veiga (2006, p.115), a Conferência foi motivada pela discussão que se desenvolvia nos Estados Unidos desde os anos 60, sobre os impactos negativos do crescimento econômico na preservação ambiental.

Em 1973, o secretário - geral da Conferência de Estocolmo, Maurice Strong, utiliza pela primeira vez o conceito de ecodesenvolvimento, posteriormente largamente difundido por Ignacy Sachs a partir de 1974.

Sachs, assim como Strong aplicam os conceitos de “Ecodesenvolvimento” e “Desenvolvimento Sustentável” com o mesmo significado, no entanto Sachs amplia o conceito apresentando oito critérios interconectados para avaliar o desenvolvimento sustentável sendo estes: o social, o cultural, o ecológico, o ambiental, o territorial, o econômico e o político nacional e internacional. (SACHS, 2009, p.85-88)

Elkington (2012) em seu livro *Canibais de Garfo e Faca*, realizou na década de 90, uma análise ainda hoje pertinente às questões sustentáveis, propondo a transição para um capitalismo sustentável inserida numa revolução cultural global que deveria integrar 3 objetivos: a prosperidade econômica, a proteção e qualidade ambiental, e a justiça social, lançando assim o conceito do *Triple Bottom Line- Profit-Planet- People*.

Analisando o panorama apresentado, falar em sustentabilidade parece ser algo paradoxal. Como pensar em desenvolvimento sustentável, frente a um sistema que degrada os insumos naturais ao mesmo tempo que desenvolve produtos com ciclos de vida cada vez mais curtos? Como então adotar uma postura ética na gestão dos negócios e intervenções sociais, se o próprio

sistema impõe uma conduta de estímulo ao consumo e exploração dos recursos naturais?

Frente a esses questionamentos, o presente artigo surge então com o objetivo de realizar um estudo exploratório para aprofundar conhecimentos sobre a temática da sustentabilidade a fim de analisar como organizações no Brasil estão protogonizando mudança por meio de sistemas inovadores para a sustentabilidade. Diante deste quadro, foram levantadas algumas questões que buscam por respostas ao longo do desenvolvimento deste artigo. São elas:

- a) Que benefícios ambientais, econômicos e sociais os empreendimentos sustentáveis estão implementando no setor têxtil?
- b) Quais as estratégias inovadoras que estão sendo utilizadas para fomentar a criatividade do empreendedorismo sustentável?
- c) Como a moda sustentável está agregando valor aos seus produtos por meio do reuso de tecidos?
- d) Qual o papel ampliado dos designers como agentes facilitadores da transição para a sustentabilidade?

Para realizar este estudo dentro do segmento têxtil, delimitou-se negócios sustentáveis que realizam o serviço de recolha, separação e comercialização de sobras de tecidos da indústria têxtil para o desenvolvimento de novos produtos com valor agregado.

Assim foi necessário, no primeiro momento do trabalho, um levantamento de referenciais teóricos sobre as principais questões associadas a sustentabilidade, ao universo de produção da moda sustentável, ao ciclo de vida dos produtos, ressaltando principalmente o design de sistemas ecoeficientes como uma ferramenta de inovação para a sustentabilidade. Questões sobre o empreendedorismo sustentável e economia criativa também foram abordadas para compreensão das potencialidades de desenvolvimento de novos sistemas de economia na era do ecobusiness.

Neste artigo, propõe-se também realizar uma pesquisa do tipo qualitativa, utilizando como método um estudo de caso que teve o Banco de Tecido de Reuso de São Paulo como unidade de análise e a Empresa Insecta Shoes de Porto Alegre como fonte de informação complementar da pesquisa. A seleção

deu-se pela inovação sistêmica dos negócios e pelo valor sustentável oferecido à seus *stakeholders*.

Com base nos dados que foram analisados, acredita-se que o trabalho poderá ter uma relevância significativa para implantação futura de inovadores projetos sustentáveis que possam reaproveitar os resíduos limpos da indústria têxtil, contribuindo para reduzir impactos ambientais, agregar mais valor aos produtos, promover a equidade social e despertar a sociedade para um consumo verdadeiramente sustentável.

1. Revisão Bibliográfica

Para realizar esta análise, foi escolhido o segmento da indústria têxtil e de vestuário e assim fez-se necessário um levantamento sobre questões contemporâneas associadas ao universo de produção da moda sustentável bem como conceitos sobre o empreendedorismo sustentável.

1.1 Moda Sustentável

Inicia-se este ponto, com uma reflexão crítica sobre a análise de como a indústria tira proveito da democratização das tendências da moda em diferentes âmbitos “incitando os consumidores a renovar os seus bens, o capitalismo encontrou o método que lhe permite limitar os riscos de superprodução.” (ERNER, 2015, p.31)

Neste aspecto, já pode-se observar que os produtos apresentam um ciclo de vida cada vez mais curto e são, dentro da indústria da moda, lançados por tendências que estimulam o consumo pelo supérfluo.

Assim, são necessárias mudanças nos sistemas de produção e na forma como consumimos e vivemos, colocando em questionamento o nosso próprio modelo atual de desenvolvimento. Nas próximas décadas, teremos que estar preparados para um “...amplo processo de aprendizado social em que se faz necessária uma descontinuidade sistêmica.” (VEZOLLI, 2010, p.13)

Martins (2012, p.122) afirma que diante destas mudanças busca-se a implementação de caminhos que visem minimizar os impactos ambientais decorrentes dos sistemas produtivos da têxtil, vestuário e moda por meio da redução de seus resíduos.

De Carli (2010, p.49), elenca ações no âmbito da produção e do consumo para caracterizar a fase que ela denomina de “moda ética”, como por exemplo, ações de responsabilidade ecológica, preservação da biodiversidade, reciclagem e reutilização de materiais. Na vertente do consumo ressalta a conscientização em consumir menos porém melhor, a valorização de produtos duráveis, o descarte dos supérfluos, o resgate das tradições, inclusão social e valorização de produtos duráveis entre outros valores.

Com isto, o design para a sustentabilidade amplia a sua área de atuação e passa do design para o ciclo de vida, para o design de sistemas ecoeficientes, abordando tanto produtos quanto serviços que visam a inovação de sistemas que promovam iniciativas de intensa criatividade social, “...capazes de satisfazer necessidades e desejos específicos de pessoas, por meio de uma rede inovadora de interações de autores, articulada de forma ecoeficiente e socialmente justa e coesa.” (VEZZOLI, 2010, p.14)

Outros autores, também apresentam estudos com propostas de mudanças sustentáveis no segmento da moda. Gwilt (2014), por exemplo, apresenta as etapas do ciclo de vida de uma peça de roupa e a identificação dos impactos socioambientais em potencial do processo de design e produção.

Fletcher e Grose (2011), afirmam que o processo de sustentabilidade impele mudanças na indústria da moda, discutem formas de minimizar o impacto ambiental do vestuário e pontuam o papel dos designers como facilitadores de mudanças sistêmicas.

Com uma linha de estudos similar a espanhola Salcedo (2014) aponta os desafios da indústria têxtil diante destes cenários de transição para a sustentabilidade, abordando os novos modelos de negócios sustentáveis na moda.

Diante dos exemplos e possibilidades de aplicação prática de ações de sustentabilidade pela indústria da moda acredita-se que estamos presenciando um momento de mudança de cenários. Nesse sentido, reforça-se o papel dos designers como facilitadores destas mudanças sociais, “... os designers estão tendo de evoluir de autores individuais de objetos, ou construções, a facilitadores da mudança entre grandes grupos de pessoas.” (THACKARA, 2008, p. 21)

1.2 Empreendedorismo Sustentável

Presencia-se um cenário de evolução, ainda que incipiente, de uma conduta mais ética e transparente das empresas e de mudanças comportamentais nos consumidores que já priorizam marcas e ofertas de produtos e serviços que venham agregar valor às premissas da sustentabilidade, gerando um impacto positivo no meio ambiente natural e social.

Este cenário, abre nichos e oportunidades de mercado para que novos sistemas econômicos possam emergir apresentando uma nova maneira de pensar e fazer negócios.

Algumas tendências gerenciais surgem frente às necessidades de adaptação mercadológica como os sistemas de produção sustentável que incluem a aplicação de conceitos e princípios da ecoeficiência, produção mais limpa, análise do ciclo de vida do produto, logística reversa, reuso, “remanufatura” e ações pautadas por um conjunto de códigos, princípios e normas internacionais como a ISO 14000 de gestão ambiental, ISO 26000 de responsabilidade social, *Global Report Impact* (GRI) entre outras certificações (AMATO NETO, 2015, p. xiv).

O delinear destas tendências conduz a construção de diversos tipos de empreendedorismo sustentável que são definidos com uma tipologia que leva em consideração três indicadores que são o nicho da sustentabilidade explorado, o papel da sustentabilidade e o uso da responsabilidade social empresarial. Quanto ao nicho da sustentabilidade explorado, este pode ser ambiental ou social (embora possam existir negócios híbridos). São traçadas quatro categorias para os negócios ambientais: produtos ecoeficientes, turismo e lazer na natureza, agricultura orgânica e extrativismo, e reciclagem e reutilização. Já os negócios sociais, são apresentados em outras quatro categorias: produtos para grupos com necessidades especiais, microcrédito, comércio justo e negócios na base da pirâmide, exemplificados como serviços de comunicação, bens de consumo, alimentos, com ofertas mais acessíveis para os mais necessitados. (BORGES, 2014, p. 4-5)

Aprofundando a questão, os negócios sociais tem o propósito de resolver graves problemas de uma coletividade e não são direcionados à geração de lucros para acionistas, pois o excedente gerado pelo negócio é reinvestido na

manutenção e crescimento do mesmo. (AMATO NETO, 2015, p.27)

Independente do tipo de negócio sustentável que se trate, a inovação e a criatividade são quesitos primordiais tanto para a diferenciação mercadológica, quanto para a evolução das sociedades.

Neste aspecto, a inovação é um dos principais *drivers* da capacidade competitiva de diversos países no cenário econômico internacional e torna-se assim um dos fatores primários do bem-estar da coletividade. (CAPALDO, 2014, p.113)

2. Metodologia do trabalho

Este estudo foi realizado em uma primeira fase por meio de pesquisa de revisão bibliográfica, na qual buscou-se evidenciar o pensamento de autores que já escreveram, ou estudam a temática em questão para fundamentar ideias e opiniões.

No segundo momento foi realizada uma investigação empírica por meio de uma pesquisa do tipo qualitativa que utilizou como método o estudo de caso, a fim de investigar em maior profundidade um fenômeno contemporâneo, no caso, o fenômeno da sustentabilidade no setor têxtil, dentro do seu contexto de vida real.

Assim o “Banco de Tecido de Reuso” (BTR) e a empresa “Insecta Shoes” que utiliza tecidos do BTR para o desenvolvimento de seus produtos foram selecionados como unidades de análise, definidos pelo critério inovação de sua estrutura sistêmica e pelo valor sustentável. A escolha deu-se também para avaliar em primeiro plano a forma de organização do Banco de Tecido de Reuso (BTR) e no segundo momento, como descoberta subsequente, por meio da “Insecta Shoes”, compreender como o valor está sendo agregado com o reaproveitamentos dos tecidos.

A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas, via *skype*, com a responsável pelo projeto do Banco de Tecidos, Lu Bueno em abril de 2016 e entrevista em Porto Alegre em fevereiro de 2016 com uma das sócias fundadoras da “Insecta Shoes”. Também foram coletadas informações, documentos, reportagens e registros em arquivos pela internet sobre os projetos por meio de observação direta não participante.

Para que os dados fossem interpretados de forma sistêmica, foram estabelecidos, para a análise do Banco de Tecido, os seguintes parâmetros de análise: a) Fatores de motivação para investir no empreendedorismo sustentável; b) Análise da estrutura sistêmica; c) Identificação dos benefícios ambientais e sociais do negócio; d) Viabilidade Financeira; e) Relevância para os *stakeholders* e visibilidade do projeto; f) Estratégias de inovação criativa para agregar valor à marca/produtos.

3. Apresentação de resultados

Os dados sobre o Banco de Tecido de Reuso foram distribuídos em 6 itens a fim de sistematizar o procedimento de análise e também facilitar a busca de respostas para os questionamentos iniciais do trabalho. As informações sobre a empresa “Insecta Shoes”, foram utilizadas principalmente como informação a completar o item de avaliação da relevância do Banco (BTR) para os parceiros.

3.1 Estudo de Caso “O Banco de Tecido de Reuso”

- Histórico e Fatores de motivação para investir no empreendedorismo sustentável;

Lu Bueno, fundadora do projeto, trabalha como cenógrafa e figurinista e em função de sua profissão, acabou por acumular muitas sobras de tecidos. No momento em que ela organizou e contabilizou os mesmos, deparou-se com uma quantidade de mais de meia tonelada de tecidos que estavam sem uso. A partir daí e uma grande inquietação com as questões ambientais, levou Lu Bueno a perceber que algo deveria ser feito. Foi então que ela começou a realizar trocas informais dos tecidos entre profissionais figurinistas e aderecistas, segundo ela uma “...brincadeira entre amigos”.

O projeto foi evoluindo quando ela, começou a realizar um trabalho mais comercial com a venda dos tecidos a um preço fixo e percebeu que o que estava em questão não era um problema particular, mas sim um problema do mercado têxtil, que não tinha destinos estabelecidos para a grande quantidade de sobras de sua produção.

Assim o empreendimento surge informalmente e foi ganhando visibilidade no Facebook, enquanto ela se capacitava, estruturava e regularizava a empresa para a comercialização formal de tecidos. O negócio começou com 3

associados e em janeiro de 2015 a loja física foi aberta, no mesmo local do seu escritório na Vila Leopoldina em São Paulo. Esse primeiro ano, segundo Lu Bueno foi uma fase para compreender o negócio por meio de uma validação de percepções empíricas da sustentabilidade que a mesma tinha ...“Eu tinha a intuição de que poderiam ser viáveis e hoje eu acredito que são”.

Hoje ela tem duas unidades abertas, uma em Curitiba e outra em São Paulo e está num momento de expansão física e da criação de uma plataforma digital. Apesar da motivação inicial ter sido em função de encontrar uma solução para problemas particulares, em pouco tempo a idealizadora do projeto percebeu que o Banco de Tecido nascia com uma proposta maior para ampliar a cadeia da sustentabilidade ao estender o ciclo de vida dos tecidos, reduzir impactos ambientais e gerar uma consciência de consumo.

- **Análise da Estrutura Sistêmica**

O Banco (BTR), funciona hoje com 5 pessoas trabalhando na sua estrutura, implementação e na expansão do negócio. Existem duas unidades abertas, uma em São Paulo, como já falado e outra em Curitiba, na Casa Base, espaço dedicado a empreendimentos criativos da cidade.

A estrutura sistêmica do empreendimento foi desenhada para estimular a circulação dos tecidos e assim prolongar o seu ciclo de vida. Foi pensado, segundo Lu Bueno para expor estoques que ficavam parados, são estoques de tecidos para reuso. Não são comercializados tecidos de importação ou que estão em loja, pois se assim fosse, perder-se-ia o conceito do negócio.

A ideia é pegar tecidos parados, estocados, sobras de cortes de roupa ou de rolos e retalhos e os fazer girar novamente prolongando sua vida útil por meio de novas utilizações, evitando que estes acabem em aterros sanitários.

A dinâmica de funcionamento do empreendimento sustentável funciona da seguinte forma:

- Os tecidos que não estão mais em uso são levados até às unidades, onde são pesados, organizados e higienizados. Os pequenos retalhos são doados ou são encaminhados para destinos corretos.
- Após, esse processo de organização são colocados à venda, e comercializados por quilo ao valor atual de 45 reais. Isso permite que a

pessoa possa levar qualquer tamanho de tecido, uma vez que ideia é que seja consumido o que realmente é necessário, sem desperdícios.

- Caso a pessoa deposite tecidos no Banco, ela receberá créditos por cada quilo depositado e posteriormente poderá com esses créditos retirar novos tecidos.
- A palavra troca não é utilizada nesse processo, mas sim participação da rede. As pessoas que depositam os resíduos são denominadas de “correntistas”, mas qualquer pessoa pode ir ao local e comprar os tecidos de acordo com a sua necessidade.
- Ao depositar os tecidos, a pessoa recebe um crédito com um desconto de 25% que funciona como uma taxa de manutenção da estrutura. Assim se depositar 10 kg, recebe um crédito de 7,5 kg em novos tecidos.

- Identificação dos benefícios ambientais, econômicos e sociais do negócio

A capacidade de estoque da loja é de 1.3 toneladas e esse estoque foi girado umas 4 vezes, sendo assim calcula-se que pelo menos já foram reutilizados mais de 5 toneladas de tecidos em um ano de funcionamento. Desta forma, pode-se identificar que são claros os benefícios de redução de impacto ambiental, uma vez que esses tecidos poderiam estar sendo acumulados em aterros ou outros destinos não apropriados.

Os resíduos que são gerados pelo Banco de Tecido de Reuso em função do corte para alinhamento dos tecidos comercializados tem um destino que acaba por gerar benefícios sociais. Eles são encaminhados para o Projeto Arrastão que trabalha com capacitação. Para Lu Bueno, o ciclo de vida do tecido é ainda mais estendido por estar ensinando pessoas e promovendo o desenvolvimento do país. O que efetivamente é resíduo é enviado para locais apropriados onde são processados para gerarem estopa e enchimentos.

Com relação ao aspecto econômico um dos pilares do Banco (BTR) é oferecer à sociedade um preço justo pelo seus produtos. Como todos os tecidos depositados, independente de sua estrutura, entram pelo mesmo valor sem diferenciação podem ser comercializados a um preço único e justo.

Além do benefício obtido pelo pilar do preço justo, o Banco de Tecido também tem como premissa estimular a economia criativa, oferecendo os

insumos apropriados e incentivando a geração de negócios que possam agregar valor aos produtos com tecidos de reuso.

- **Viabilidade Financeira**

Lu Bueno afirma que embora trabalhe com um empreendimento sustentável, ele é antes de tudo um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) com fins lucrativos e assim precisa de uma receita equilibrada para pagar custos e gerar renda, lembrando que ser sustentável também é ter um equilíbrio econômico que possa manter o projeto.

Em seu planejamento de expansão o Banco de Tecido poderá funcionar como uma renda complementar para pequenos empreendedores, ou como um negócio lucrativo para que possa ter uma estrutura maior.

Hoje o rendimento financeiro do Banco (BTR) é suficiente para que sejam pagos salários e custos com infraestrutura sendo assim autossustentável, mas com os planos de expansão do empreendimento em curso espera-se uma maior lucratividade.

- **Relevância para os *stakeholders* e visibilidade do projeto**

Atualmente o Banco de Tecido opera com mais de 200 “correntistas” que ao mesmo tempo depositam e retiram os tecidos. O perfil destas pessoas são pequenos artesãos, jovens estilistas, estilistas renomados, empresas que fazem um trabalho mais personalizado com os tecidos e mesmo marcas reconhecida por trabalhos sustentáveis.

A importância do Banco de Tecido varia, segundo Lu Bueno, de acordo com o perfil do usuário. Alguns percebem o Banco (BTR) como um local onde irão encontrar tecidos diferenciados e de qualidade por um preço justo, prevalecendo aqui, o aspecto da vantagem financeira. Para esse perfil de público, a questão da sustentabilidade não é a finalidade e nem a razão de compra.

No entanto, um outro perfil de público do Banco que já trabalha com uma cultura organizacional construída com base nos valores da sustentabilidade e operando no conceito de *slow fashion*, vislumbra no Banco de Tecido um parceiro para agregar mais valia às suas marcas.

Podemos citar como exemplo deste segmento a marca gaúcha *Insecta Shoes* que foi fundada em 2014 e é um dos “correntistas” do Banco (BTR) que utiliza os tecidos na confecção de seus produtos.

A marca *Insecta* diferencia-se no mercado por comercializar calçados veganos com um posicionamento que trabalha com valores de proteção aos animais, pois não utiliza em seus produtos nenhum insumo de origem animal. A marca gaúcha, adota uma postura sustentável pois todos os calçados são feitos a partir de roupas usadas ou sobras de tecidos. Todo o material é garimpado cuidadosamente em brechós, bem como dos tecidos do BTR.

Em pesquisa feita em Porto Alegre em fevereiro de 2016 com Bárbara Mattivy, sócia-fundadora da marca *Insecta Shoes*, observou-se que existe a mesma preocupação em prolongar a vida dos tecidos, garantir uma redução de matérias na linha de produção, pois de uma peça de roupa podem ser gerados até 4 pares de calçados e agregar valor aos produtos.

Lu Bueno, afirma que a hoje foi estabelecida uma relação de confiança e parceria com a *Insecta Shoes*, e inclusive parte dos resíduos desta marca acabam retornando para o Banco para que tenham o destino correto.

Quanto a questão da visibilidade do *Banco de Tecido de Reuso*, pode-se constatar que o mesmo ganhou notória divulgação ao longo de sua trajetória dando à marca uma reputação positiva perante a sociedade em função da inovação do empreendimento e principalmente pelo impacto positivo do negócio na esfera ambiental e social.

As soluções criativas de reuso dos resíduos da indústria têxtil apontadas pelo do Banco já foram divulgadas em diversos meios de comunicação, como na Folha de São Paulo, no Estadão, na TV Cultura - Repórter Eco entre outros.

Recentemente, (maio de 2016) a marca ganhou ainda mais visibilidade ao ficar entre os 10 finalistas ao renomado prêmio internacional *Changemaker-Tecendo a Mudança*, promovido pela Ashoka, uma organização sem fins lucrativos que atua incentivando a inovação social em diversos países em parceria com o Instituto C&A, que desde 1991 foi criado para institucionalizar o trabalho de investimento social privado da C&A no Brasil.

- Estratégias de inovação criativa para agregar valor à marca/produtos.

A própria estrutura sistêmica do projeto já é o maior fator de inovação que funciona como critério de diferenciação de mercado. Por meio de um sistema cíclico de reuso dos tecidos, o Banco encontrou uma solução criativa, funcional, sustentável e ao mesmo tempo lucrativa, para resolver o grave problema da indústria vestuário/confecção com relação ao destino de seus resíduos, além de impulsionar a economia criativa.

Todos os tecidos depositados tem registro de origem, garantindo pelo mapeamento de seu histórico de ciclo de vida, que trata-se de uma peça de reuso.

A divulgação de sua rede de correntista no site demonstra tanto a transparência das relações como uma forma de valorização dos trabalhos dos parceiros, ressaltando principalmente o prolongamento do vida dos tecidos pelos novos destinos que lhes são dados.

Também foi criado pelo Banco o selo de garantia – Tecido de Reuso para Uso, que certifica que a peça de tecido tem sua origem garantida pelo Banco de Tecido. Tal selo, apesar de não representar uma certificação oficial, acaba por ser um mecanismo que agrega ainda mais valor aos produtos que utilizam os tecidos do Banco TR.

4. Considerações finais

Embora as informações encontradas para as questões que conduziram a este artigo estejam em fase de construção devido a complexidade do tema, foi possível identificar caminhos para elucidar os questionamentos apontados.

Mostram-se evidentes os benefícios sociais, econômicos e ambientais proporcionados pelo Banco de Tecido de Reuso, pois em pouco tempo de funcionamento já prolongou o ciclo de vida de mais de 5 toneladas de tecidos.

A estrutura do negócio é permeada pela inovação e criatividade. O BTR tem uma proposta criativa e simples, para atender a complexos problemas ambientais. O preço justo permite que o negócio seja inclusivo e ao mesmo tempo sustentável enquanto estimula à compra do que é realmente necessário, evitando desperdícios.

A criação do selo de Tecido de Reuso, funciona como garantia da origem do tecido e agrega valor às peças que se utilizam destes materiais. A relação de

transparência e valorização dos “correntistas” fomenta o “empoderamento” das iniciativas locais dando visibilidade aos trabalhos que reutilizam os tecidos.

A moda sustentável consegue assim, agregar mais valia às suas marcas pois além de oferecer produtos exclusivos e personalizados com os tecidos que não são encontrados no mercado tradicional, agrega valor na defesa de causas sustentáveis.

O exemplo da *Insecta Shoes*, confirma a importância dos designers no processo de desenvolvimento de produtos com ciclos de vida mais longos, sem desperdícios de insumos e que possam gerar impactos positivos no ambiente natural e social.

Conclui-se o artigo com a certeza de que iniciativas criativas e inovadoras, implementadas por pequenos negócios sustentáveis começam a transformar o problema dos resíduos limpos da indústria têxtil em soluções de reuso que além de exponenciar o valor dos produtos estão contribuindo com as questões da sustentabilidade.

5. Bibliografia

- AMATO NETO, João. *A era do ecobusiness: criando negócios sustentáveis*. Barueri, SP: Manole, 2015.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Editora 34, 2011.
- BORGES, Cândido. *Empreendedorismo sustentável e o processo de criação de empresas*. In: Borges, Cândido (org.). *Empreendedorismo Sustentável*. São Paulo: Saraiva, 2014.
- CAPALDO, Antônio. *Inovação impulsiona a competitividade*. In: Santos, José Claudio dos ; Antoldi, Fábio (org.). *Por um empreendedorismo sustentável e inovador: e experiência das lideranças do sistema Sebrae*. Brasília: Sebrae, 2014.
- ELKINGTON, John. *Canibais com Garfo e Faca*. (Edição Histórica de 12 anos). São Paulo: M.Books, 2012.
- DE CARLI, Ana Mary S. *Moda no terceiro milênio: novas realidades, novos valores*. In: De Carli, Ana Mary S., Manfredini, Mercedes L.(org.). *Moda em Sintonia*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2010.
- ERNER, Guillaume. *Sociologia das Tendências*. São Paulo: GGModas, 2015.
- FLETCHER, K., GROSE, L. *Moda e Sustentabilidade: Design para a mudança*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- GWILT, A. *Moda Sustentável: um guia prático*. São Paulo: GG Moda, 2014.

JACOBI, Pedro. *Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade*. n.119, p.189-205, Cadernos de Pesquisa. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>> , Acesso em 24 de setembro de 2015.

MARTINS, Suzana Barreto. *Estratégias para redução de resíduos no setor de confecção de produtos de moda*. In: De Carli, Ana Mery S., Venzon, Bernadete (org). *Moda, Sustentabilidade e Emergências*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2012

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SALCEDO, E.. *Moda ética para um futuro sustentável*. São Paulo: GG Moda, 2014.

THACKARA, John. *Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo*. São Paulo: Editora Saraiva e Vírgula, 2008.

DA VEIGA, José Eli. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. São Paulo: Editora Garamond, 2006.

VEZZOLI, Carlo. *Design de sistemas para a sustentabilidade: teoria, métodos e ferramentas para o design sustentável*. Salvador: Edufba, 2010.